

FIGURA DE PEDAGOGO: DELFIM SANTOS¹

PORTO, 06/11/1907 – CASCAIS, 25/09/1966



Realiza um percurso original no séc. XX, entre Portugal, Áustria, Alemanha, Brasil e Argentina.

Nasce em 1907 no Porto e perde o pai em 1920. Em 1935 é director da Revista *Águia* onde se estreara em 1912 Fernando Pessoa. Passa a ano de 1936 em Viena de Áustria, como bolsheiro do Instituto de Alta Cultura e, de 1937 a 1942, é Leitor de Português no Instituto para Portugal e Brasil da Universidade de Berlim, Alemanha. Em 1943 faz o seu Doutoramento em Coimbra e em 1947 é Professor Titular (Catedrático) de Pedagogia em Lisboa. Morre em 1966 de complicações cardíacas no Estoril.

1975: Início de publicação das *Obras Completas*. - 2004: Edição da *Correspondência*.

“Desde os primeiros escritos que Delfim Santos se mostra rigoroso e polémico. Em breves artigos, focando diversos temas, faz ressaltar as suas posições cristãs, de índole protestante, e a sua abertura à Europa no que ela tivesse de anti-obscurantismo e humanismo. Critica, desde os anos trinta, o aproveitamento sociopolítico da religião e integra o grupo "Renovação Democrática", dentro do qual irá continuamente defender ideias de índole democratista, existencial e individualizante. Democracia, que definirá como liberdade na diversidade. Assim, entenderá a política não como actividade normativa mas como manifestação essencial do ser enquanto *ser-com-o-outro*. Colabora ainda em diversos periódicos, como *Revista do Porto*, *O Porto Académico*, *Portugal Evangélico*, *Princípio*, *A Águia*, *Presença*, *Linha Geral* e *Diário de Coimbra*. Posteriormente, será de destacar a *Linha Geral da Nova Universidade*, em que o autor analisa o quadro do sistema de ensino da sua época, propondo até a extinção da Universidade, facto que aliás "valoriza imenso a nossa cultura". Dado que "viver é tomar posição", e a Universidade apresenta-se como instrumento de poder de uma classe, afigura-se necessário e vital superar o "eruditismo, academismo, catedratismo, arqueologismo, positivismo, filologismo, burguesismo e clericalismo". Não aceita Delfim Santos meras reformas, postulando antes uma autêntica revolução; o fim da Universidade para a criação de outra radicalmente diversa, orientada para o aluno, para todos os domínios do saber em

¹ MIRANDA, Rui Lopo, «Delfim Pinto dos Santos», in António Nóvoa (dir.), *Dicionário de Educadores Portugueses*, Porto, Edições Asa, 2003, pp. 1262-1265.

que se formariam homens livres e socialmente intervenientes. Conclui-se que a Pedagogia de Delfim Santos entronca numa concepção existencial de implicações éticas e políticas. O *estar-no-mundo* é o campo de acção da nova escola anti-massificadora, que olha para a criação não como um estado mas como uma função que a cada momento se planifica. O novo pedagogo concebe o homem como ser em trânsito, sendo ele próprio aquele que sempre aprende, aquele que está aberto e disponível para a renovação científica e social, para a aceitação do outro na sua diferença. Estando o pensador necessariamente comprometido com a vida social do seu tempo, contribuirá para a transformação dessa mesma sociedade burguesa e capitalista que afasta o homem de si mesmo: "A formulação de leis gerais sobre o humano, enquanto vivo, implica desrespeito do que nele é concreto e individual e, a partir disto, formular uma Pedagogia geral é igualmente desconhecer e desrespeitar o que na sua individualidade é intransferível".

Nos anos cinquenta, divulgando as suas ideias pedagógicas, Delfim Santos luta por uma educação nacional, por uma metodologia de ensino atenta às outras mas radicada na autodescoberta da "própria e intransferível *nossa* solução" (*Obras completas*, vol. III, 1977, p. 116). Delfim Santos estuda ainda o Método Montessori, com o qual partilha vários pontos de vista. Assim, privilegia a unidade de cada criança sobre qualquer regra e ensinamento a ministrar: "Neste mundo novo é a criança que é respeitável e o mestre o agente desse respeito. Ele apaga-se para que a criança cresça, porque sabe humildemente que assim deve ser". Após a viagem pela Europa, encarregado de conhecer a realidade do ensino para vir a instituir a formação para professores em Portugal, conclui pelo desvirtuamento da pedagogia no nosso país. Afirma que, no nosso país, julga-se em vez de se promover o desenvolvimento, serve-se uma abstracção em vez de se potenciarem as individualidades concretas. Delfim Santos defende uma escola polivalente, com professores especializados e com um acompanhamento de cada aluno na sua especificidade. Só assim acabará o sistema de ensino "judicial", a selecção injusta e artificial e o recurso ao explicador. Na sua formação, como existencialista cristão e pedagogo, Delfim Santos é influenciado, também, pelas ideias e posições de Leonardo Coimbra.

Sintetizando o seu ideário pedagógico, escreveu Rui Grácio: "As suas teses no domínio da pedagogia escolar são suficientemente conhecidas, creio, para que valha a pena minuciar, tanto mais que alguma coisa foi sendo dita de caminho. Preconizou uma maior diferenciação escolar a partir da escola primária prolongada, a criação de escolas polivalentes de orientação organizadas com vista à prospecção das aptidões, dos interesses, da vocação pessoal dos escolares, a orientar por critérios alheios ao poder, ao capricho, à mal fundada informação, ou à indigência e pobreza das famílias. Preconizou a criação de escolas de continuação, conformadas por adequada finalidade cultural social, de maneira a evitar-se, além do mais, um ensino técnico vivendo da imitação do ensino liceal, como este vive da imitação do ensino superior. Preconizou uma orgânica escolar inspirada, repito, numa pedagogia de intenção formativa, ou gerante, para usar uma expressão sua em elucidação felicíssima do mais profundo sentido do termo cultura geral" (1975, pp. 237-238). Opinião análoga partilha Rogério Fernandes, quando se pronuncia sobre Delfim Santos: "Situando-se numa posição de raiz sartreana, defendia que educar *não é propiciar a fuga ao tempo mas orientar o ho-*

mem nas situações concretas da sua existência, afirmando nesta pedagogia antropológica, as escolas novas e o método dos projectos. Educar, afinal – embora Delfim Santos o concebesse em termos metafísicos – era favorecer a mutação do ser do homem e portanto do próprio saber' (1979, p. 137)."